

Fernando Pessoa nas páginas da *Presença*

[Fernando Pessoa in the pages of *Presença*]

Enrico Martinez*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, *Presença*, Heterónimos, Modernismo, Poética do fingimento.

Resumo

Este artigo analisa as colaborações de Fernando Pessoa na revista coimbrã *Presença* (1927-1934), abrangendo quarenta e sete textos – poemas, prosa, notas e traduções – publicados em vida e postumamente. Para além do levantamento quantitativo, examina-se a intenção autoral e a dimensão programática das escolhas do poeta, que utilizou a *Presença* como espaço de afirmação da sua “poética do fingimento” e de diálogo crítico com o segundo modernismo. O estudo reavalia, assim, a relevância literária e cultural desta relação editorial e epistolar.

Keywords

Fernando Pessoa, *Presença*, Heteronyms, Modernism, Poetics of feigning.

Abstract

This article revisits Fernando Pessoa’s contributions to the Coimbra-based journal *Presença* (1927-1934), analyzing forty-seven texts—poetry, prose, notes, and translations—published during and after his lifetime. Beyond a quantitative survey, the study examines the poet’s strategies and intentions, highlighting how Pessoa used *Presença* to articulate his poetics of “feigning” and to test programmatic positions within Portuguese Modernism. By situating these collaborations within their editorial and epistolary context, the article reassesses the literary and cultural significance of Pessoa’s dialogue with the second modernist generation.

* Università di Parma.

As relações de Fernando Pessoa com a revista *Presença* já foram analisadas com base nas epístolas trocadas entre o poeta dos heterónimos e os diretores da folha coimbrã (PESSOA, 1998). Além disso, e não menos importante, também foi analisada a atenção crítica que os principais presencistas dedicaram à obra e à figura de Fernando Pessoa (cf., por exemplo, FEIJÓ, 2019, e GAGLIARDI, 2017).

Posto isso, não se trata aqui de indagar a receção presencista do autor de *Mensagem*, mas sim de questionar o que Pessoa deu de si à *Presença* ou que imagem (ou melhor, “que imagens”) nos devolvem as trinta e três “dádivas” com que Pessoa retribuiu, em vida, o esforço dos presencistas (a que se juntam os catorze textos publicados póstumos). Esses números referem-se às unidades literárias publicadas e não às colaborações, ou seja, tomando como exemplo uma colaboração como “Três Odes”, de Ricardo Reis, a qual corresponde, de facto, a três poemas diferentes.

Deste modo, coloca-se a seguinte questão: afinal, o que o poeta escolheu dar de si à *Presença*?

De forma a responder a tal questão, Richard Zenith escreveu, na sua biografia, que Pessoa presenteou a revista coimbrã “with some of his finest poems and prose pieces” (ZENITH, 2021: 690). Essa é uma impressão já consolidada na historiografia da relação entre o poeta e a revista, a propósito de uma contribuição cuja qualidade, de alguma forma, retribui a importante função de estímulo e divulgação da produção criativa de Fernando Pessoa, exercida pela *Presença*, durante os últimos oito anos da vida do poeta.

TABELA 1 - COLABORAÇÕES DE FERNANDO PESSOA NA *PRESENÇA*

N.º	Data	pá g.	Autor	Título	Incipit	Género
5	4/06/27	3	Álvaro de Campos	<i>Ambiente</i>	Nenhuma época transmite a outra a sua sensibilidade.	prosa
5	4/06/27	3	Fernando Pessoa	<i>Marinha</i>	Ditosos a quem acena	poesia
6	18/07/27	3	Ricardo Reis	<i>Três Odes</i>	Não só vinho, mas nele o olvido, deito	poesia
6	18/07/27	3	Ricardo Reis	<i>Três Odes</i>	Quanta tristeza e amargura afoga	poesia
6	18/07/27	3	Ricardo Reis	<i>Três Odes</i>	A nada imploram tuas mãos já coisas	poesia
10	15/03/28	2	Ricardo Reis	<i>Ode</i>	O rastro breve que das hervas moles	poesia
10	15/03/28	2	Ricardo Reis	<i>Ode</i>	Já sobre a fronte vã se me acinzenta	poesia
10	15/03/28	2	Fernando Pessoa	<i>Qualquer música...</i>	Qualquer música, ah, qualquer,	poesia
10	15/03/28	2	Álvaro de Campos	<i>Escrepto num livro abandonado em viagem</i>	Venho dos lados de Beja.	poesia
16	Nov. 1928	5	Fernando Pessoa	<i>Depois da feira</i>	Vão vagos pela estrada,	poesia
16	Nov. 1928	8	[Fernando Pessoa]	<i>Tabua bibliografica. Mário de Sá-Carneiro</i>	Nasceu em Lisboa, em 19 de Maio de 1890;	nota
17	Dez. 1928	10	[Fernando Pessoa]	<i>Tábua bibliografica. Fernando Pessoa</i>	Nasceu em Lisboa, em 13 de Junho de 1888;	nota
18	Jan. 1929	1	Álvaro de Campos	<i>Gazetilha</i>	Dos Lloyd Georges da Babilónia	poesia
20	Abr. Maio 1929	3	Álvaro de Campos	<i>Apontamento</i>	A minha alma partiu-se como um vaso vazio.	poesia
27	Jun. Jul. 1930	2	Álvaro de Campos	<i>Anniversario</i>	No tempo em que festejavam o dia dos meus annos,	poesia
27	Jun. Jul. 1930	9	Fernando Pessoa	<i>Trecho de um Livro do Desasocego composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa</i>	Durei horas incognitas, momentos sucessivos sem relação,	prosa

29	Nov. Dez. 1930	4	Fernando Pessoa	<i>O ultimo sortilegio</i>	"Já repeti o antigo encantamento,	poesia
30	Jan. Fev. 1931	6-7	Alberto Caeiro	<i>O oitavo poema de O Guardador de Rebanhos</i>	Num meio dia de fim de primavera	poesia
30	Jan. Fev. 1931	11, 15	Álvaro de Campos	<i>Notas para a recordação do meu mestre Caeiro (algumas delas)</i>	Conheci o meu mestre Caeiro em circunstâncias excepcionais	prosa
31/3 2	Mar. Jun. 1931	9	Álvaro de Campos	<i>Trapo</i>	O dia deu em chuvoso.	poesia
31/3 2	Mar. Jun. 1931	10	Fernando Pessoa	<i>O Andaime</i>	O tempo que eu hei sonhado	poesia
31/3 2	Mar. Jun. 1931	10	Ricardo Reis	<i>Duas Odes</i>	Quando, Lídia, vier o nosso outono	poesia
31/3 2	Mar. Jun. 1931	10	Ricardo Reis	<i>Duas Odes</i>	Ténue, como se de Éolo a esquecessem,	poesia
31/3 2	Mar. Jun. 1931	10	Alberto Caeiro	<i>O penúltimo poema</i>	Também sei fazer conjecturas.	poesia
33	Jul. Out. 1931	11	O Mestre Therion (Aleister Crowley)	<i>Hino a Pan</i>	Vibra do cio subtil da luz,	tradução
34	Nov. Fev. 1932	7	Álvaro de Campos	<i>Ah, um soneto...</i>	Meu coração é um almirante louco	poesia
34	Nov. Fev. 1932	8	Fernando Pessoa	<i>Do Livro do Desassossêgo composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa</i>	Muitos têm definido o homem,	prosa
35	Mar. Maio 1932	2	Fernando Pessoa	<i>Iniciação</i>	Não dormes sob os ciprestes,	poesia
36	Nov. 1932	9	Fernando Pessoa	<i>Autopsicografia</i>	O poeta é um fingidor.	poesia
37	Fev. 1933	8	Ricardo Reis	<i>Ode</i>	Para ser grande, sê inteiro: nada	poesia
38	Abr. 1933	7	Fernando Pessoa	<i>Isto</i>	Dizem que finjo ou minto	poesia
39	Jul. 1933	1, 2	Álvaro de Campos	<i>Tabacaria</i>	Não sou nada.	poesia
41/4 2	Maio 1934	13	Fernando Pessoa	<i>Eros e Psique</i>	Conta a lenda que dormia	poesia
48	Jul. 1936	2, 3	Fernando Pessoa	<i>Fragmentos de algumas cartas de amor de Fernando Pessoa (por Carlos Queirós)</i>	Para me mostrar o seu desprêzo	epistolografia
48	Jul. 1936	3	Álvaro de Campos	<i>Um inédito de Álvaro de Campos</i>	Tôda a arte é uma forma de literatura,	prosa
48	Jul. 1936	17- 22	Fernando Pessoa	<i>Notas à margem de uma carta de Fernando Pessoa (por JGS)</i>	[Carta a JGS de 11-12-1931]	epistolografia
49	Jun. 1937	1-4	Fernando Pessoa	<i>Carta inédita de Fernando Pessoa</i>	[Carta a ACM de 13-1-1935]	epistolografia
52	Jul. 1938	3	Álvaro de Campos	<i>Um inédito de Álvaro de Campos</i>	O somno que desce sobre mim,	poesia
53- 54	Nov. 1938	11	Fernando Pessoa	<i>Poema</i>	O céu, azul de luz quieta.	poesia
2ª s.n.º 1	1939	19	Álvaro de Campos	<i>Poemas inéditos de Álvaro de Campos</i>	Tenho uma grande constipação,	poesia
2ª s.n.º 1	1939	19- 20	Álvaro de Campos	<i>Poemas inéditos de Álvaro de Campos. Dactylographia</i>	Traço sosinho, no meu cubículo de engenheiro, o plano,	poesia
2ª s.n.º 1	1939	21- 22	Álvaro de Campos	<i>Poemas inéditos de Álvaro de Campos. Apostilla</i>	Aproveitar o tempo!	poesia
2ª s.n.º 2	1940	80	Fernando Pessoa	<i>Poemas inéditos de Fernando Pessoa</i>	Onde pus a esperança, as rosas	poesia
2ª s.n.º 2	1940	80	Fernando Pessoa	<i>Poemas inéditos de Fernando Pessoa</i>	Neste mundo em que esquecemos	poesia
2ª s.n.º 2	1940	80	Fernando Pessoa	<i>Poemas inéditos de Fernando Pessoa</i>	Montes, e a paz que há nêles, pois são longe...	poesia
2ª s.n.º 2	1940	81	Fernando Pessoa	<i>Poemas inéditos de Fernando Pessoa</i>	Foi um momento	poesia
2ª s.n.º 2	1940	81	Fernando Pessoa	<i>Poemas inéditos de Fernando Pessoa</i>	Cessa o teu canto!	poesia

Tabela 1. Pessoa nas páginas da *Presença*.

Ao analisar em pormenor, do ponto de vista quantitativo, as quarenta e sete produções pessoanas que aparecem na revista (cf. tabela 1), temos trinta e seis textos poéticos (dentre os quais, dez publicados após a morte do autor), cinco textos literários em prosa (um deles publicado postumamente), duas notas biográficas (a própria e a de Mário de Sá-Carneiro), três publicações póstumas de cartas e mais uma tradução do inglês de um poema de Aleister Crowley (“Mestre Therion”):

Quanto à atribuição de autoria, verificamos que a assinatura do ortónimo aparece vinte e duas vezes: repare-se, a propósito, que o nome “Fernando Pessoa” é colocado no fim dos dois “Trechos do Livro do Desassossego composto por Bernardo Soares” (como é indicado nos títulos) e que, na verdade, as duas “Tábuas Bibliográficas” – embora não assinadas – são, sem margem para dúvida, da autoria de Pessoa. A assinatura de Álvaro de Campos aparece catorze vezes, a de Ricardo Reis oito vezes, enquanto a de Alberto Caeiro ocorre apenas duas vezes.

Colaborações em vida			Colaborações póstumas		
Ano	Colaborações	n. ^{os} em que aparece	Ano	Colaborações	n. ^{os} em que aparece
1927	3	n° 5, 6	1936	3	n° 48
1928	4	n° 10, 16	1937	1	n° 49
1929	2	n° 18, 20	1938	2	n° 52, 53-54
1930	3	n° 27, 29	1939	1	2ª serie, n° 1
1931	7	n° 30, 31-32, 33	1940	1	2ª serie, n° 2
1932	4	n° 34, 35, 36			
1933	3	n° 37, 38, 39			
1934	1	n° 41-42			
1935	-	-			

Tabela 2. Resumo cronológico das colaborações.

Através deste resumo cronológico das colaborações (cf. tabela 2), relevamos que, entre 1927 e 1934, Pessoa é uma presença constante na revista. Registamos, contudo, que a frequência das suas colaborações é mais regular e pontual a partir do n.º 27 (junho-julho de 1930), depois do qual o poeta de *Mensagem* aparece em todos os números da *Presença* – exceto os n.ºs 28 e 40 – até a sua última colaboração em vida, que sai no n.º 41-42 (maio de 1934).

Não terei aqui espaço para analisar, como merecem, todas as contribuições literárias que Pessoa ofereceu à *Presença*; no entanto, buscarei traçar um quadro global, sobretudo na perspectiva de tentar vislumbrar a intenção pessoana que está por trás dessas colaborações. Para esse fim, voltarei às cartas com os diretores da revista, já que foram o veículo de transmissão das colaborações pessoanas – e, nalgum caso, de expressão dos seus propósitos. De facto, e para além da sua riqueza qualitativa, a colaboração pessoana na *Presença* parece, em muitos casos, carregada de um valor programático.

Nesse sentido, parece bem rica em significados a primeira aparição pessoana na revista, que acontece no n.º 5 (junho de 1927), depois de Pessoa já ter sido nomeado,

no primeiro número, como exemplo de “literatura viva”. Além do mais, também fora elevado ao nível de “mestre do modernismo”, no n.º 3, dentro do artigo de José Régio “Da geração modernista”.

“Ambiente” é o título de um conjunto de aforismos assinados por Álvaro de Campos: as primeiras linhas da primeira colaboração pessoana na *Presença* parecem querer elucidar, desde o início, o ponto de vista do autor sobre a relação possível entre as duas gerações em questão; a dele (ou seja, a de *Orpheu*) e a dos jovens da revista de Coimbra:

Nenhuma época transmite a outra a sua sensibilidade; transmite-lhe apenas a inteligência que teve dessa sensibilidade. Pela emoção somos nós; pela inteligência somos alheios. A inteligência dispersa-nos; por isso é através do que nos dispersa que nos sobrevivemos. Cada época entrega às seguintes apenas aquilo que não foi.

(*Presença*, n.º 5, p. 3)

Não creio que Pessoa quisesse excluir, com essas palavras, qualquer possível herança ou contacto entre uma geração e outra; antes, parece-me ver nelas uma sugestão: não se pode sobrepor uma época à outra (tal como não se pode fazê-lo com duas personalidades), não se pode procurar a continuidade entre duas gerações, ou demonstrar a sua ausência, sem se ter em conta que o modo de sentir de duas épocas – assim como de duas personalidades – é necessariamente diferente, e que a lição da primeira não pode produzir os mesmos efeitos na segunda, se essa é digna de valor.

Mas o conjunto de aforismos não se limitava a isso; era mais: era uma mensagem aos presencistas a propósito do seu conceito de sinceridade, entendido por José Régio como a livre e incondicionada expressão da individualidade do autor.

De forma semelhante, Richard Zenith escreveu que, com essa primeira contribuição, Pessoa “rocked the boat that had kindly welcomed Pessoa and his friends on board” (ZENITH, 2021: 691). Não sei se houve essa intenção tão contundente, no entanto, o certo é que o poeta dos heterónimos não acreditava na existência de uma individualidade e na possibilidade de comunicar sinceramente a própria sensibilidade aos outros, uma vez que “Toda a emoção verdadeira é mentira na inteligência, pois se não dá nela. Toda a emoção verdadeira tem portanto uma expressão falsa. Expressar-se é dizer o que não se sente”; e, ainda: “Fingir é conhecer-se” (*Presença*, n.º 5, p. 3).

Prosseguindo, Caio Gagliardi, no Congresso Internacional Pessoa de 2021, também apontou “a discrepância entre o ideário presencista e a poética pessoana”, apelidando a sua primeira colaboração à revista como “um disparate em relação ao ideário exposto por Régio”, que, sugere Gagliardi, terá “torcido o nariz para as corantes convicções do texto de estreia de Campos” (GAGLIARDI, 2021: 52-53). Contudo, Pessoa utilizou exatamente a *Presença* para divulgar a sua “poética do fingimento”

(se assim a quisermos chamar), publicando nela dois poemas fulcrais como “Autopsicografia”¹ e “Isto”, dos quais não preciso comentar o conteúdo nem sublinhar a importância na definição dessa poética. Já o próprio Gagliardi o fez, insinuando (*apud* Pizarro) uma sugestiva ligação entre a composição desses dois poemas e o April Fool’s Day, de tradição britânica, supondo um jogo irónico atrás disto:

Embora fosse publicado em novembro de 1932, o original de “Autopsicografia” tem a data de 1.º de abril de 1931, não reproduzida na *Presença*. Independentemente de o texto ter ou não ter sido redigido na data indicada pelo autor, não podemos esquecer que Portugal é um dos países que comemoram anualmente, em 1.º de abril, o que ali se chama de “dia das mentiras”, quando se costumam pregar peças como forma de lembrar a data. Ela tem, portanto, um carácter literário, por acrescentar um segundo sentido ao poema.

(GAGLIARDI, 2021: 54)

Eu inclino-me mais a ver uma intenção programaticamente pedagógica nessas publicações e concordo com Zenith quando comenta que: “The radical divergence in their respective outlooks was itself a powerful stimulus, inciting Pessoa to produce, by way of reaction, like an electric current overcoming resistance, some of his most dazzling works of literature” (ZENITH, 2021: 692).

E, mais ainda, concordo com Gagliardi quando ressalta a ligação entre o contexto, o “lugar” da publicação e o sentido do texto publicado, a intenção premeditada que levou o autor à sua seleção: “A atitude de Pessoa não apenas corrobora para a determinação do sentido dos poemas publicados ao longo de sua vida, como, uma vez demonstrado se tratar de uma prática sistemática, desenha a imagem de um jogador movimentando as peças no tabuleiro de sua obra” (GAGLIARDI, 2021: 40).

O próprio Pessoa, numa carta a João Gaspar Simões de 11 de novembro de 1931, ao justificar-se por ter dado uma colaboração mais extensa à *Descobrimento* do que à *Presença*, escrevia:

Em um e outro caso considero, porém, a indole da publicação. Não julgo justo enviar-lhe colaboração que vá absorver-lhe trez paginas, sobretudo devendo a *Presença* entregar o melhor e maior do seu espaço aos poetas e prosadores mais jovens, intercalando apenas os da minha idade por amizade para conosco, applauso nosso para convosco e enchimento de intervalos.

(PESSOA, 1998: 172)

A outra colaboração que aparece, abaixo, na mesma página de “Ambiente” é o poema ortónimo “Marinha”, onde, dentre a evocação e a compaixão pela vida dura dos marinheiros, reaparece o conceito da intelectualização das emoções ou a ideia de sentir através do pensamento: “Eu sofro sem pena a vida. | Doo-me até onde penso,

¹ Enviado em anexo à carta a João Gaspar Simões de 22-10-1932, acompanhado por palavras bastante lacónicas e despretensiosas, como de quem não dá muita importância àquilo: “ahi lhe envio um pequeno poema. Espero que chegue a tempo para este numero da revista” (PESSOA, 1998: 205).

! E a dor é já de pensar” (*Presença*, n.º 5, p. 3). Aqui, são evidentes as sensações vividas num “cais de onde nunca parto” (*Presença*, n.º 5, p. 3), que relembra o cais da “Ode Marítima”.

As duas contribuições seguintes, ao número 6 (julho de 1927) e ao número 10 (março de 1928) constam de cinco das *Odes de Ricardo Reis*, das oito que, globalmente, Pessoa entregou à *Presença* e que não fazem parte desse “Livro Primeiro”, já publicado na *Athena*. As duas odes que figuram no n.º 10 aparecem na mesma página com mais duas colaborações pessoanas: o poema ortónimo “Qualquer música” – qualquer música que lhe permita não sentir o coração e que dê à alma do poeta uma calma que lhe parece impossível – e a estreia poética de Álvaro de Campos na “Fôlha de Arte e Crítica”, representada pelo poema “Escrepto num livro abandonado em viagem”, que já não é do heterónimo das odes sensacionistas, mas do Campos da última fase, do niilista que, mesmo na dinâmica da viagem, não traz nada nem achará nada, vive o cansaço antecipado de não achar nada e deixa a imagem de um seu desígnio morto.



Figs. 1 e 2. Imagens retiradas da Biblioteca Geral Digital, *Presença*, n.º 10, colaborações pessoanas.

Mesmo assim, Pessoa declararia – em carta a Simões a 10 de janeiro de 1930 – a sua disponibilidade para que a *Presença* republicasse os poemas mais representativos das fases anteriores desse heterónimo, tanto o “Opiário” como as duas Odes (a Triunfal e a Marítima) e, a 28 de junho do mesmo ano, comunicava novamente a Simões o desejo de “enviar um dos triumphaes do Alvaro de Campos” (PESSOA, 1998: 118). Contudo, nada disso veio a concretizar-se.

O número 10 da *Presença* é, de facto, um número antológico – como refere o próprio Pessoa na carta a José Régio em que anuncia e envia a sua colaboração – um número que publica apenas poemas de vários autores². Nessa perspetiva antológica, surpreende – ou, pelo menos, merece alguma atenção – a ausência de algum poema de Alberto Caeiro. Assim, a explicação que Pessoa dá a Régio é muito interessante, uma vez que envolve o seu interlocutor no “jogo dos heterónimos” (entenda-se a palavra “jogo” na sua aceção mais literal, na sua dimensão mais propriamente lúdica). Depois de ter agradecido à revista, em nome de todos os seus “eus”, pelo convite a colaborar – “Do melhor grado, e agradecendo por mim todos, accedo ao honroso convite que me nos faz para que collaboremos no numero anthologico de *Presença*” – justifica, desta forma, a ausência do Mestre Caeiro: “Do extinto Alberto Caeiro não pude obter composição alguma, pois os parentes, ou testamenteiros, me não facultaram o traslado” (PESSOA, 1998: 61).

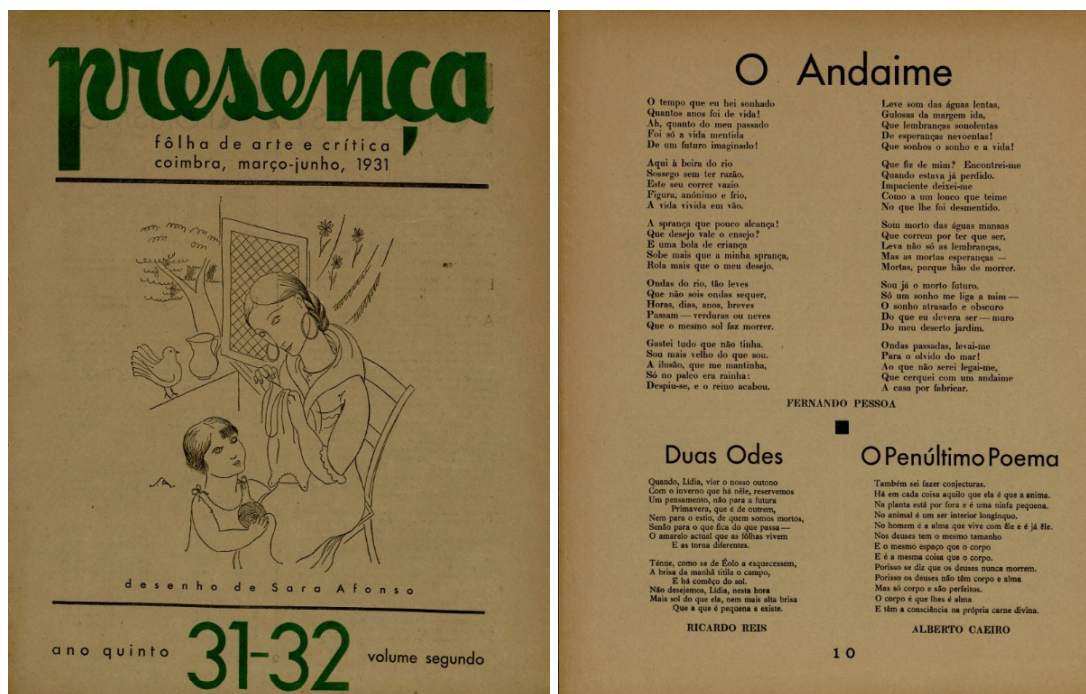
Provavelmente, o essencial deste heterónimo já tinha sido publicado na *Athena*. Contudo, em 1931, Pessoa não deixará de enviar à revista coimbrã duas contribuições caeirianas, “O oitavo poema de O guardador de rebanhos” (n.º 30, jan.-fev.) e “O penúltimo poema” (n.º 31-32, março-junho): a brevidade desse conciliar-se-ia muito bem com o material publicado no número antológico (o n.º 10). Aliás, o n.º 31-32 foi, de facto, outro número antológico em que a *Presença* quis comemorar o seu quinto ano de existência. E, se na página 10 vemos colaborações de Pessoa, Reis e Caeiro³, na página anterior figura também uma contribuição de Álvaro de Campos, o delicioso poema “Trapo”, que nos dá um Campos impressionista à Cesário Verde, mas com um tom muito mais sardónico e desencantado⁴. Desta vez, portanto, a antologia é mais completa. O certo é que também nessa ocasião, o poeta esquecera, inicialmente, o seu “mestre”, uma vez que escreveu o seguinte, numa carta a Simões

² Eles são: Mário de Sá-Carneiro, Ricardo Reis, Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, António Botto, Gil Vaz, Afonso Duarte, Fausto José, Mário Saa, Raul Leal (Henoch), Edmundo de Bettencourt, Carlos Queiroz, Alexandre d’Aragão, António de Navarro, Augusto Ferreira Gomes, Branquinho da Fonseca, José Régio.

³ O “Andaime”, de Fernando Pessoa; “Duas Odes”, de Ricardo Reis e o já mencionado “O penúltimo poema”, de Alberto Caeiro.

⁴ Eis o texto de “Trapo”: “O dia deu em chuvoso. | A manhã, contudo, estava bastante azul. | O dia deu em chuvoso. | Desde manhã eu estava um pouco triste. | Antecipação? Tristeza? Coisa nenhuma? | Não sei: já ao acordar estava triste. | O dia deu em chuvoso. || Bem sei: a penumbra da chuva é elegante. | Bem sei: o sol oprime, por ser tão ordinário, um elegante. | Bem sei: ser susceptível às mudanças de luz não é elegante. | Mas quem disse ao sol ou aos outros que eu quero ser elegante? | Dêem-me o céu azul e o sol visível. | Névoa, chuvas, escuros – isso tenho eu em mim. | Hoje quero só sossego. | Até amaria o lar, desde que o não tivesse. | Chego a ter sono de vontade de ter sossego. | Não exageremos! | Tenho efectivamente sono, sem explicação. | O dia deu em chuvoso. || Carinhos? Afectos? São memórias... | É preciso ser-se criança para os ter... | Minha madrugada perdida, meu céu azul verdadeiro! | O dia deu em chuvoso. || Boca bonita da filha do caseiro, | Polpa de fruta de um coração por comer... | Quando foi isso? Não sei... | No azul da manhã... | O dia deu em chuvoso.”

de 26 de maio de 1931: “Envio-lhe, junta, a colaboração quasi toda (minha) para o proximo numero da *Presença*. Vae a de Fernando Pessoa, a de Ricardo Reis e a de Alvaro de Campos. Esqueci-me de trazer para a Baixa, para a passar a limpo, a de Alberto Caeiro. Irá amanhã, e é só um poema pequeno” (PESSOA, 1998: 157).



Figs. 3 e 4. Imagens retiradas da Biblioteca Geral Digital, *Presença*, n.º 10, colaborações pessoanas.

Voltando a 1928, no mesmo n.º 16 (novembro), em que figura mais um poema do ortónimo, “Depois da feira” (Pessoa refere-se-lhe em carta a Régio de 20 de novembro de 1928, como sendo “um objecto em fôrma de poema”, 1998: 72), aparece a primeira das duas “Tábuas Bibliográficas” da responsabilidade de Fernando Pessoa: a dedicada a Mário de Sá-Carneiro, seguida, no n.º 17 (de dezembro), pelo que diz respeito ao próprio poeta dos heterónimos.

Parece supérfluo salientar a importância desses textos como fonte primária de informações sobre os dois mestres do modernismo, no entanto, a atividade de divulgação e de exegese sobre os valores literários mais reputados foi sempre uma ação prioritária no programa cultural da *Presença*. Contudo, nessa perspetiva, parece singular que o autor da nota seja o mesmo protagonista dela. Como é evidente, a tábuia de Fernando Pessoa carece do necessário distanciamento crítico, tornando-se, assim, mais do que um mero texto informativo: um trecho literário.

É verdade que acerca da complexa personalidade artística de Pessoa muito pouco se sabia na altura, e a oportunidade de os presencistas terem um contacto direto com o poeta facultava a possibilidade de recolher dados que não se poderiam obter de outra forma. De qualquer maneira, Pessoa acedeu, sem qualquer reticência,

ao pedido dos seus jovens interlocutores e revelou todo o cuidado com que redigiu as duas notas. Assim sendo, na carta a José Régio, a 3 de maio de 1928, escreveu: “Não lh’as envio desde já porque tenho de ‘pensar’ (não haja omissões) e quero ter certas as datas” (PESSOA, 1998: 67). Aliás, as duas notas enviadas inicialmente extraviam-se, e Pessoa teve de reescrever a própria, com alguma dificuldade, uma vez que, como o próprio autor confessou a Régio, a 20 de novembro de 1928: “É tam difficil de coordenar o inexistente!” (PESSOA, 1998: 72).⁵

Na ordem cronológica das colaborações pessoanas, segue um tríptico de poemas de Álvaro de Campos de certa importância: “Gazetilha” (n.º 18, janeiro 1929), poema que trata da fama póstuma de poetas, filósofos e geômetras, anônimos em seu tempo, mas que permanecem vivos em comparação com a fugacidade dos “grandes homens do Momento”; “Apontamento” (n.º 20, abril-maio de 1929), em que descreve a sua alma como o espalhamento de cacos de um vaso partido porque caído das mãos de uma criada descuidada; e o célebre “Anniversario” (n.º 27, junho-julho 1930), que fala, mais uma vez, da infância como dimensão perfeita e feliz em relação ao desconcerto e à solidão do presente. Esse último poema, como o próprio Pessoa explica na carta a Simões de 4 de julho de 1930, já não é uma das “triumphaes” que prometera, mas é enviado para não atrasar mais a colaboração. Além disso, o autor dá-se ao trabalho de explicar ao diretor da *Presença* o facto de o ter escrito no dia real dos seus annos (13 de junho), mas de ter colocado a data fictícia de 15 de outubro, dia do aniversário (fictício) do heterónimo.⁶

Prosseguindo, o mesmo n.º 27 publica um “Trecho de um *Livro do Desasocego* escrito por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa”. Já se disse que os dois excertos desta obra recebidos pela *Presença* – o outro é publicado no n.º 34 (novembro-fevereiro de 1932) – aparecem assinados por Fernando Pessoa:

⁵ Como se lê na carta de Pessoa a José Régio de 15-11-1928: “Muito lhe agradeço a sua carta, recebida ha já bastantes dias, onde sómente me espanta a allusão a não ter recebido os dados bibliographicos, do Sá-Carneiro e meus, que em tempos, de facto, lhe enviei. Enviei-os um pouco tarde – mais tarde, até, do que, já tarde, lhe promettera –; porém de que lh’os enviei não ha duvida alguma. || Tinha copia d’elles; como os escrevi á machina, tirei a copia facil a papel chimico. Tenho procurado essa cópia, mas, como não contava que fôsse precisa, não a guardei em logar certo. Não a pude ainda encontrar, e a demora em escrever-lhe deriva-se de ter levado este tempo na busca. || Reconstrui com facilidade os dados bibliographicos do Sá-Carneiro. O que lhe mando juncto é, pouco mais ou menos, o que primitivamente lhe enviára, salvo que aproveito a repetição para eliminar algumas observações que a primeira redacção continha. || Se não encontrar as taes copias, reconstruirei tambem a ‘notà’ a meu proprio respeito. É mais complicado por ser mais simples. Mas talvez a não procure, e antes a redija de novo, dando-lhe uma simplicidade sem complicações algumas” (PESSOA, 1998: 70).

⁶ Pessoa escreveu: “O que lhe envio do Alvaro de Campos não é, afinal, uma das ‘triumphaes’, mas não quero demorar mais. A data está ficticia; escrevi esses versos no dia dos meus annos (de mim), quer dizer a 13 de Junho, mas o Alvaro nasceu em 15 de Outubro, e assim se erra a data para certa” (PESSOA, 1998: 124).

portanto, o semi-heterónimo que os compôs fica incluído nos limites do espaço ficcional, que é aberto pelo título, e a assinatura, nesse caso, interrompe a suspensão de descrença do leitor e repõe a verdade histórica quanto ao autor do texto.

Com a colaboração seguinte, Pessoa abre aos leitores da *Presença* um aspeto mais íntimo e misterioso da sua personalidade artística, fornecendo um poema de género ocultista: “O último sortilégio”, enviado a Simões (a 16 de outubro de 1930) com a advertência de ser “uma interpretação dramática da ‘magia de transgressão’” (PESSOA, 1998: 129), possivelmente não adequada à publicação por se tratar de assuntos que Pessoa receia que se possam resultar como “repugnantes ou antipáticos” aos presencistas (carta de 22 de outubro de 1930; PESSOA, 1998: 131). Pelo contrário, o diretor da *Presença* recebe-o de forma tão entusiasmada que a sua reação imediata é escrever o estudo “Fernando Pessoa e as vozes da inocência”, publicado no mesmo n.º 29 da *Presença* (novembro-dezembro de 1930) e depois incluído em *O Mistério da Poesia* (1931). Outra consequência do positivo acolhimento do poema é o envio da tradução que Pessoa fizera de “um ‘poema mágico’ a valer”, como ele próprio o define (na carta de 6 de dezembro de 1930; PESSOA, 1998: 143), o “Hino a Pã” do “Mestre Therion” (Aleister Crowley), publicado no n.º 33 (julho-outubro 1931).

Antes desse, o n.º 30 apresentava duas verdadeiras pérolas pessoanas: o já mencionado oitavo poema de “O Guardador de Rebanhos” ou, como Pessoa escreve a Simões (3 de dezembro de 1930), “o poema sobre a vinda de Christo á terra, que não publiquei na ‘Athena’ por o que é de offensivo para a Egreja Catholica” (PESSOA, 1998: 141); e as “Notas para a recordação do meu Mestre Caeiro (algumas delas)”, de Álvaro de Campos, que Pessoa define como “das melhores paginas do meu engenheiro” (PESSOA, 1998: 141), texto fundamental na *mise en scène* do drama em gente. Posto isso, é como se Pessoa quisesse acompanhar a estreia do “mestre” na revista pelo texto com que o seu discípulo o homenageia.

Nessa fase, Pessoa colabora em todos os números da revista, e assim fará até maio de 1934, com a única exceção do n.º 40 (dezembro de 1933) e só por causa do suposto extravio da carta que conteria colaboração breve do ortónimo e de Álvaro de Campos.⁷

No n.º 34 (novembro-fevereiro de 1932) figura uma breve composição de Álvaro de Campos, “Ah, um Soneto...”, em que o próprio título parece demonstrar a surpresa de ver o engenheiro a debater-se com as rígidas limitações dessa forma

⁷ Como se depreende da carta a Simões de 22-1-1934: “Escrevi-lhe, aqui ha tempos, enviando collaboração, minha e do Alvaro de Campos, e em ambos os casos breve, para a *Presença*. Não sei se recebeu essa minha carta – a carta, escripta muito à pressa, era em cinco ou seis linhas sòmente – nem, portanto, a collaboração que ella incluía. Não digo isto por essa collaboração não ter vindo no numero da *Presença* que ha dias recebi: poderia ter chegado tarde, ou poderia não lhes ter convindo, tanto mais que não era grande coisa, de à pressa que a extrahi dos meus montes de papeis. Digo isto porque soube, atravez do Hourcade, que já uma carta minha anterior para si se havia extraviado” (PESSOA, 1998: 229).

poética, e o já mencionado trecho do *Livro do Desassossego*, que, nas palavras com que Pessoa o oferece a Simões, é “de indole diferente dos que escolhi para o *Descobrimento*” (PESSOA, 1998: 164). De facto, no n.º 3 dessa revista (1931), o ajudante de guarda-livros publicara cinco trechos de prosa geralmente bem poética.

No trecho publicado na *Presença*, em que se afirma que há mais distância entre o Homem superior e Homem inferior do que entre o Homem e o animal, a linguagem é mais prosaica, quase ensaística, salvo o parágrafo final em que Soares, erguendo-se da cadeira, interrompe esse entretenimento de narrar para si próprio “impressões irregulares” e volta à janela, à paisagem vista por cima dos telhados, à sua “náusea no pensamento abstrato”.

A seguir, em 1932, a *Presença* publicará os dois mencionados poemas que constituem a insígnia da “poética do fingimento”, que alternam com mais duas colaborações breves, o poema “Iniciação”, do ortónimo (n.º 35, março-maio), e uma das odes mais breves, mas ao mesmo tempo mais citadas, de Ricardo Reis, “Para Ser Grande Sê Inteiro”.

Se procuramos até agora encontrar intenções por trás das colaborações pessoanas, é verdade que certas declarações do autor nas cartas que as acompanham tentam, pelo contrário, evidenciar certa casualidade na sua seleção.

Assim, a 3 de fevereiro de 1933, Pessoa escreveu a Simões: “Quando sahe a proxima *Presença*? Até quando posso enviar collaboração? É claro que a posso enviar sempre; ha sempre, pelo menos, um pequeno poema, para ser alguma coisa e não deixar de colaborar. Enviar-lh’o hia hoje mesmo, se aqui (no escriptorio onde estou escrevendo) tivesse qualquer poema ou lembrança d’elle disponivel” (PESSOA, 1998: 207). Da mesma maneira, ao enviar, junto à carta de 18 do mesmo mês, a referida “Ode de Reis”, ele afirma: “Dado o vosso amavel desejo de que haja sempre collaboração minha na *Presença*, envio uma brevissima composição do Ricardo Reis, escripta ha dias e que por acaso ainda tinha na algibeira” (PESSOA, 1998: 209).

Mais tarde (na carta a Simões de 8 de fevereiro de 1934), a propósito de outro poema escolhido para a *Presença*, Pessoa afirmará: “A collaboração, como creio que já lhe disse, foi extrahida à pressa do apressado” (PESSOA, 1998: 231).

A seguinte contribuição pessoana à “fôlha de Arte e Crítica” será a celebér-rima “Tabacaria”, de Álvaro de Campos. Talvez não seja casual que a escolha dessa obra-prima coincida com um período em que Pessoa expressa, em cartas a Simões, a intenção de dar à *Presença* o melhor da sua produção. Quando o diretor da revista coimbrã lhe comunica o desejo de lançar a publicação de uma “Coleção de Autores Portugueses”, Pessoa, depois de ter pensado no envio do seu *Cancioneiro*, opta pelos quarenta e nove poemas de *O Guardador de Rebanhos* e explica (carta de 25 de fevereiro de 1933): “De facto, e para dizer qualquer coisa parecida com a verdade, gostaria que vv. publicassem *O Guardador de Rebanhos*. Teria eu assim o prazer de serem vv. que apresentassem o melhor que eu tenho feito [...] Sou devedor a vv. de

tantas e tam acumuladas gentilezas que dar-lhes menos que o meu melhor, podendo dar esse melhor, não seria desculpavel” (PESSOA, 1998: 211).

Contudo, o envio de “Tabacaria” parece ser motivado pelo pedido de Simões de enviar colaboração “com maior extensão do que de costume”⁸.

De facto, Pessoa, na carta seguinte, afirma:

Ahi lhe envio collaboração para a *Presença*, mas não sei se servirá. Conformei-me com a sua indicação de a materia não ser muito pequena. Escolhi porisso esse poema do Alvaro de Campos. O peor é que talvez seja muito grande. Se fôr, diga-me, e enviarei então qualquer outra coisa de menor extensão; mas, nesse caso, v. arrisca-se a que seja um dos taes poemas millimetricos, por eu não ter tempo de copiar outro. Isto é uma simples indicação e não uma ameaça: não desejo que *Presença* fique submersa na Tabacaria Campos.

(PESSOA, 1998: 227)

A última aparição em vida de Pessoa na *Presença* é representada pelo breve poema “Eros e Psique”, original e sintética revisitação do mito grego dentro do ciclo iniciático ou esotérico do poeta, tal como a epígrafe do poema indica.

A presença póstuma de Fernando Pessoa na revista já nada nos pode revelar sobre as escolhas e os intuitos do autor. Assim sendo, temos a publicação de cartas recebidas pelos diretores da *Presença* ou de fragmentos de cartas de amor a Ofélia Queirós; temos também vários inéditos de Álvaro de Campos e do ortónimo, mas esses não foram selecionados pelo autor: excluímos – pela leitura da correspondência e pela própria importância que *Presença* atribuía a Pessoa – que se tratasse de “restos” enviados em vida e ainda não publicados pela revista. O mais provável é que se tratasse de material disponibilizado por alguém que tinha acesso a manuscritos pessoanos, provavelmente o próprio Carlos Queirós.

No entanto, há uma exceção a essa última consideração: a publicação da carta a Adolfo Casais Monteiro de 13 de janeiro de 1935 (a “Carta sobre a génese dos heterónimos”), que obedece a uma sugestão indireta de Fernando Pessoa, expressa na correspondência: “tirei uma copia suplementar, tanto para o caso de esta carta se extraviar, como para o de, possivelmente, ser-lhe precisa para qualquer outro fim. [...] Pode ser que, para qualquer estudo seu, ou outro fim analogo, o Casaes Monteiro precise, no futuro, de citar qualquer passo desta carta. Fica desde já auctorizado a fazel-o” (PESSOA, 1998: 260).

Posto isso, essa carta é uma publicação póstuma, mas o autor escreveu-a para ser publicada, algum dia, na *Presença* ou, pelo menos, por um presencista. Ela incorpora as duas dimensões que caracterizaram a colaboração de Fernando Pessoa na revista: a alta qualidade literária e a intenção programática.

⁸ Simões escreveu em carta a Pessoa de 27-6-1933: “A *Presença* vai entrar na tipografia. Como sempre, espero nos queira dar a grande alegria da sua colaboração. Se lhe fôr possível fazê-lo com maior extensão do que de costume, também lhe ficaremos muito gratos. Mas, se não fôr possível, gratos lhe ficaremos” (PESSOA, 1998: 226).

Bibliografia

- FEIJÓ, António M (2019). "Pessoa recebido por *Presença*". *Estranhar Pessoa*, n.º 6, abril, pp. 9-16.
http://estranharpessoa.com/s/Feijo_Pessoa-por-presenca_n6.pdf
- GAGLIARDI, Caio (2021). "Ler o gesto: a concepção pessoana de publicação". *Atas do Congresso Internacional Fernando Pessoa*. Lisboa: Casa Fernando Pessoa, pp. 39-58.
https://www.casafernandopessoa.pt/download_file/624/0?eID=
- (2017). "Marcos da fortuna crítica de Fernando Pessoa: O tempo cultural presencista". *Estranhar Pessoa*, n.º 4, outubro, pp. 12-21.
https://estranharpessoa.squarespace.com/s/Gagliardi_Marcos-da-fortuna-critica_n-4.pdf
- PESSOA, Fernando (1998). *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da Presença*. Edição e estudo de Enrico Martines. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ZENITH, Richard (2021). *Pessoa. A Biography*. New York: Liveright Publishing.

ENRICO MARTINES é professor associado de Literatura Portuguesa e Brasileira na Universidade de Parma (Itália). Na coleção “Estudos”, da Edição Crítica de Fernando Pessoa (INCM), editou a *Correspondência entre Fernando Pessoa e os Diretores da Presença* (1998), e estudou a história desta revista, assim como as relações entre o movimento da revista *Orpheu* e o chamado “segundo modernismo”. Realizou edições crítico-genéticas e estudos de cariz filológico sobre a poesia de José Régio (integrando a Equipa de Investigação para o Estudo e Edição dos Manuscritos de José Régio) e publicou ensaios sobre autores modernos portugueses (Eça de Queirós, José Cardoso Pires, José Saramago, entre outros) e brasileiros (Antônio Gonçalves Dias). É o autor do livro *I modernismi in Portogallo e in Brasile* (2019) e o coordenador do projeto de investigação “*The Duke of Parma, de Fernando Pessoa: uma tragédia shakespeariana inédita*”. <https://dukeofparma.unipr.it/>

ENRICO MARTINES is Associate Professor of Portuguese and Brazilian Literature at the University of Parma (Italy). In the “Estudos” series of the Critical Edition of Fernando Pessoa (INCM), he edited the *Correspondence between Fernando Pessoa and the Directors of Presença* (1998) and studied the history of this journal, as well as the relations between the *Orpheu* movement and the so-called “second modernism.” He has produced critical-genetic editions and philological studies on the poetry of José Régio (as part of the Research Team for the Study and Edition of José Régio’s Manuscripts) and has published essays on modern Portuguese authors (Eça de Queirós, José Cardoso Pires, José Saramago, among others) and Brazilian authors (Antônio Gonçalves Dias). He is the author of the book *I modernismi in Portogallo e in Brasile* (2019) and the coordinator of the research project *Fernando Pessoa’s Duke of Parma: an unpublished Shakespearean tragedy*. <https://dukeofparma.unipr.it/>